

O LEITOR A PARTIR DO GOSTO: O CAMINHO DA LINGUAGEM

Luciana Rebousas¹
Carlos Roberto de Carvalho²

RESUMO

O caminho da linguagem e o do aprender a ver, do aprender a pensar, do aprender a falar, enfim do aprender a ler e a escrever ao se inscrever-se no mundo, com o mundo, na linguagem e com a linguagem. Nesses mútuos e múltiplos aprendizados de ver e ler, verter-se em si mesmo, não há fora nem dentro, como diz Heidegger (2015), em todos os casos estamos sempre na linguagem com a linguagem, pois a linguagem é a morada do ser, do vira a ser do ser humano. O caminho da escrita, logo, é o da linguagem das leituras de mundo, mundos de palavras nas palavras. Palavras nos chegam por todos os olvidos dos ouvidos: palavras de fora que entram pra dentro, palavras de dentro que saem pra fora... palavras se misturam, criam pensamentos e linguagens. Linguagem é pensamento. Em grego uma coisa só: logos. Aprende-se leituras as mais diversas, mas todas elas quais sejam, o caminho é sempre da linguagem. Caminhar aqui significa construir uma obra de arte, a própria vida, é estar sempre em ação para dela degustar com sapiência na busca de se tornar um ser sísifo, constituindo-se, instituindo-se a partir de suas escolhas. Nesse percurso, o caminho teórico-metodológico desta pesquisa direcionou ao pensamento filosófico-literário seguindo um destino fenomenológico, isto é, aproximar a filosofia da ciência, ver o fenômeno enquanto ele mesmo. Para entender a discussão sobre o todo do ser humano a partir do gosto, sua constituição e instituição, Agamben (2017), eleva o gosto ao campo da estética, um privilégio do saber. Este trabalho objetiva apresentar a importância do oferecimento da leitura a partir do gosto instituído em cada novo leitor. A instituição é a formação do sujeito na prática, e o campo de pesquisa é a vida.

Palavras-chave: Leitura, Linguagem, Literatura, Gosto.

INTRODUÇÃO

O desafio que será lançado neste projeto é uma segunda fase da pesquisa de mestrado intitulada como Arte, vida e conhecimento: Diário a uma jovem leitora, que buscou, através de experiências, ofertar leituras a uma futura jovem adolescente, de modo a contribuir com o seu desenvolvimento e o seu despertar para o gosto pela literatura. A pesquisa constatou que no processo relacional do ouvinte com a ledora, a autonomia da jovem entrou em cena, provocando novas experiências, haja visto que a sua curiosidade teve papel relevante para o seu desenvolvimento intelectual e social.

¹ Doutoranda pelo Curso de Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - RJ, lurebousas@gmail.com

² Professor orientador: Doutor, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - RJ, carlosbeto.carvalho@gmail.com.

Beleza e verdade cunham a ideia do conceito de gosto que perpassa toda a história do saber humano, e não se restringi unicamente ao conhecimento filosófico e poético, mas também ao saber técnico-científico e político. Estes diferentes saberes incidem diretamente na formação humanística do homem desde a Grécia Antiga até a contemporaneidade; mesmo com todas as vicissitudes sofridas por esta ideia de formação, o seu caráter eletivo, presente na palavra gosto, com o qual o homem, em especial o homem de letras preocupa-se em forma-lo, para o seu próprio *bem viver* no âmbito de sua vida pública e privada.

Para este trabalho, uma palavra terá destaque, a saber, a palavra gosto, que será investigada desde a sua raiz, a qual será o ponto de partida para o caminho a ser percorrido para o desenvolvimento deste estudo. O que é gosto? Um substantivo masculino, sentido pelo qual se distingue os sabores; paladar? Para o filósofo Giorgio Agamben, “gusto”, no original, em italiano, significa: sentido que permite perceber e distinguir os sabores; a propriedade das substâncias que provocam sensações gustativas, isto é, o mesmo que “sabor”; o gozo, o prazer, o sentimento de íntima satisfação. Para Rousseau o sentido do gosto é apenas um sentido cujas sensações não se mistura nada de moral. Mas então como explicar o Manual de Dhuoda, obra conhecida como Espelho de Príncipe, um gênero literário, que tinha como finalidade apresentar uma proposta de formação ética e social para os jovens, nobres cristãos da Idade Média, e que era composto por pedagogias morais?

Essa preocupação se deu de tal modo que com a criação de manuais de condutas, da mesma forma, principalmente, no aparecer desse gênero literário chamado espelho de príncipe, no qual este trabalho inicia a sua empresa ao voltar-se para a obra de cunho pedagógico datada do século IX, de Dhuoda, o chamado *La Educación Cristiana de mi hijo (Manual para mi hijo)*. E partir desta obra, escolhida por seu tino marcante ao tratar-se de uma mulher da aristocracia preocupada com a formação de seu próprio filho, não relegando apenas aos tutores do filho, mas ela mesma atuando como pedagoga, e da mesma forma como pedagogo, investigar aquilo que os manuais apresentam sobre gosto.

Afinal, se era a vontade da mãe passar ao filho as normas da sociedade aristocrática daquela época, para que este se tornasse um nobre, a escolha pelo caminho o qual o filho deveria seguir não se tratava de um gosto pelos bons costumes? Para tanto, a autora desse trabalho a ser escrito é feminina, e tem como destinatária sua filha, que foi inserida no mundo através da literatura, e que por sinal faz muito gosto disso, e que agora, através do próprio gosto, adquirido ou não através de sua genitora, iniciará suas escolhas. Mas afinal, como se constitui o gosto pela literatura?

Como educadora, mãe e professora, venho preocupando-me com alguns aspectos que envolvem essas funções em relação ao gosto pela leitura.

Visando integrar a linha de pesquisa Estudos Contemporâneos e Práticas Educativas do Doutorado em educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), esse projeto foi escrito a fim de contribuir com a educação formadora passada de mãe para filho a partir do gosto pela literatura, entendendo que os processos formadores do saber e de construção de conhecimento começam em casa, antes mesmo das instituições, se desenvolvendo em relações híbridas dos indivíduos, neste caso, a díade mãe-filha. Assim, através de uma prática educativa chamada leitura, essas relações vão ampliando saberes e criando cumplicidades; e, muito mais do que criar gosto pela leitura, é criar vínculos de aprendizagem, tornando-as “degustadoras” dos saberes em prática. A partir do momento em que, essa experiência toma sentido, muito mais do que um saber poético ou saber filosófico, um político começa a constituir-se, e juntos incidem de modo direto para uma composição intelectual dessa jovem.

Este estudo foi motivado pelo interesse nas transformações de uma criança do séc. XXI, para que através da leitura se faça presente humana, científica e politicamente na sociedade.

METODOLOGIA

Para entender a discursão sobre o todo do ser humano a partir dos manuais de formação, far-se-á a pesquisa de abordagem qualitativa do tipo documental. Essa análise documental se justifica, porque a base desse trabalho de investigação é, predominantemente, de fontes escritas. Os documentos e demais fontes, que organizam esse trabalho no período em discussão, são importantes, visto que, a partir deles, consideraremos o espaço social e político das épocas, onde foram construídos e quem os construiu.

Dessa forma, incluiremos, como principais fontes:

- livros;
- artigos científicos e teses, arquivados em plataformas digitais;
- estudo do *Manuale Per mio figlio*;
- Decretos de Lei e discursos do Governo Federal do período na contemporaneidade;

Tendo como objetivo atender à metodologia, na primeira fase, será realizada uma revisão de leituras das bibliografias e um levantamento das principais obras dos autores que embasam a pesquisa. Após esse momento, ocorrerá a análise e fichamento desse material, objetivando responder às questões deste trabalho. A metodologia seguirá uma abordagem que visa à construção de uma prática educacional, de tal forma que se situe ao âmbito político do cenário medieval ao cenário vigente.

REFERENCIAL TEÓRICO

Na presente pesquisa, tomar-se-á por caminho inicial a leitura de textos filosóficos referente ao tema e a questão, no que dizem respeito ao gosto. A abrangência do tema confluirá para a leitura de textos, também filosóficos, que se referem a questão da beleza e verdade, assim como o ato do saber, propriamente dito. Dentre os filósofos, este trabalho iniciará seu caminho partindo da exposição do conceito de gosto, apresentado pelo filósofo italiano Giorgio Agamben, que demonstra a questão do gosto em diferentes filósofos. De igual modo, buscar-se-á em Rousseau, uma possibilidade de contraponto, visto que os conceitos apresentados anteriormente referem-se ao gosto, por uma relação de beleza e verdade, revelando um caráter ético e moral ao gosto, enquanto que neste filósofo, o gosto, como prazer sensível, distancia-se de uma ética e moral possível.

Após a exposição do conceito e seu contraponto, este trabalho abordará a partir de um manual de formação do séc. IX, como este manual, chamado *Manual per mio figlio* de Dhuoda, de cunho pedagógico, poderia estar imbuído do conceito de gosto, em virtude de todo o seu conteúdo moral.

O gênero, ao qual este manual foi redigido, chamado espelho de príncipe, teve seu florescimento no período do renascentista. Cabe aqui, compreender o cenário da qual este florescimento se deu, a relação do sujeito consigo mesmo e em sociedade, não perdendo de vista a questão, o gosto. Consideraremos a posteriori a contemporaneidade, que já não apresenta manuais do gênero apresentado pelo manual de Dhuoda, na formação do homem.

Talvez, tampouco deva-se pensar que os manuais continham toda o conceito de gosto, mas a exposição do gosto de tal forma permitia que o sujeito que os lesse, adquirisse a compreensão necessária para formar-se a si mesmo através daquele.

Interessa aqui compreender estes manuais, como fazendo parte de um gênero literário,

encarando-os como literatura. A consideração deste trabalho, especificamente, com a apresentação inicial do *Manual per mio figlio*, é de tomar como ponto de partida a compreensão do gosto em um gênero literário que se desenvolveu com um objetivo muito específico.

Entretanto, este trabalho não tem o interesse de se restringir somente a este gênero, tomado como exemplo o manual, mas a toda literatura. Evidenciando a reflexão da ideia de gosto, associado a beleza e verdade, contida nos manuais voltados para a formação do humanística do homem, no qual esta, não se resumiria apenas nesse ou em gêneros específicos, mas compreendendo toda literatura como essencialmente formadora.

De tal modo que o gosto, semelhante ao sentido do paladar que necessitaria ser estimulado para que houvesse o seu florescimento, o mesmo desde tenra idade deve-se dá para com a oferta da literatura; novos sabores necessitam compor o repertório gastronômico da criança, assim como os livros, com suas diferentes histórias devem ser ofertadas para compor seu repertório literário. O gosto desenvolve-se assim como o apetite para distintos saberes, lançando os fundamentos para o gosto do sujeito pela literatura, da clássica, a acadêmica até a científica e política.

Com os fundamentos do gosto lançados, permitiria ao sujeito tutelar sobre a sua própria formação humanística, assim como na tarefa do pedagogo e literato de tutelar sobre a educação dos homens. Dessa forma, o gosto desvelaria ao sujeito, ele mesmo no fenômeno de sua própria formação: de ciência, arte e vida.

Esta forma de saber apresenta-se de duas formas, nas quais uma designa o desfrute do objeto e outra que o discerne. Diferente do seu oposto metafórico, que podemos caracterizar pelo paladar, o gosto apresenta o aspecto de eleição do objeto, julga este segundo seu interesse. No entanto demonstra não abrangência, mas certa seletividade que caracterizará o sujeito do gosto e o objeto da qual desfruta e julga belo, como sendo de bom gosto, tanto um quanto o outro.

Esta propriedade reflexiva do gosto sobre o sujeito e o objeto, pode designar o que podemos chamar de homem de bom gosto, da mesma forma o objeto seria considerado de bom gosto por ser dado em atributos de valor, beleza e verdade, ao homem, sendo este homem possuidor de um caráter superior.

Para uma construção literata, dada através do gosto, pressupomos que há a necessidade de o sujeito ser tomado por um *páthos* a qual o levará a desenvolver o interesse na sua própria felicidade.

Para os gregos antigos e clássicos, *ethos* é aquilo que se é por natureza (*temperamentum*, dirão os médicos da Renascença; caráter, diriam os estudiosos da *psychê*). *Pathos* é inclinação ou tendência natural do próprio *ethos*, sua visibilidade. Porém, se deixado a si mesmo, o *páthos* poderá tornar-se contrário ao *ethos*, transformando-se em força destrutiva por desmedida. Torna-se contranatureza. Feiura e não vício. *Hybris*. Ao *logos* (palavra, razão de ser) cabia oferecer ao *ethos* a medida, o *metron*, que lhe permitisse reter o *páthos* aquém das fronteiras da contranatureza – tanto acima quanto abaixo da natureza. (CHAUI, 2009, p. 42)

Gérard Lebrun em seu ensaio, O conceito de paixão, explicita que o *páthos* carrega consigo o conceito de passional que faz surgir o *Ethos*. A paixão é sempre provocada pela imagem ou presença do outro. Isso demonstra que o sujeito depende do outro; numa dependência que paradoxalmente remeteria a sua liberdade.

O pensamento sem *eros* é meramente repetitivo e aditivo. E o amor, sem *eros*, sem seu impulso espiritual, degenera em “mera sensorialidade”. Sensorialidade e trabalho pertencem à mesma ordem. Elas não têm espírito nem cupidez. (HAN, 2019, p. 84)

Toda a atividade realizada sem *eros*, seria meramente uma repetição, semelhante a transmissão de uma dogmática, tanto científica quanto teológica. Enquanto que a atividade propriamente do saber, referido pela palavra gosto, carregada de *eros* e movida pelo *páthos* da imagem ou presença do outro, este outro, a própria literatura, produziria um homem de cultura, da qual sua atividade intelectual, o seu pensamento geraria desdobramentos a partir dos conhecimentos dados.

Todo saber que a escola precisa oferecer deve ser dado com afeto e generosidade, sem restrição e reservas, sem intenção e por um indivíduo apaixonado. Nela, todas as disciplinas deveriam tratar da vida, como o único tema que está por trás de todos os outros. Então, todas elas, em seus limites mais externos, nunca cessariam de tocar os grandes contextos que geram religião inesgotavelmente. (RILKE, 2007, p. 128)

Neste curto pensamento, Rilke cita a atuação da escola na formação dos leitores. Que ainda infantis deveriam ser-lhes ofertados a vida, não apenas as disciplinas formadoras de saber teórico, com seu viés utilitário, mas este saber deve ser acompanhado de afeto, que desperte e aumente o interesse e gosto da criança pela literatura; esta, da qual todo homem de cultura volta-se para completude de sua formação.

E se as histórias para crianças passassem a ser leitura obrigatória para os adultos? Seriam eles capazes de aprender realmente o que há tanto tempo têm andado a ensinar? (SARAMAGO, 2001, p. 22)

Não se inicia o gosto pelos clássicos sem antes passar pela literatura infantil e infanto-juvenil, as chamadas histórias para crianças. São estas histórias que estão imbuídas de toda a vida a qual Rilke se refere. A criança toma gosto pela literatura, aprende a ver, a ouvir e a falar. Aprendizados que na vida adulta, julgamos sermos possuidores, mas essa primeira leitura da vida do infante, ao ser olhada pelo adulto, tem seu encanto e sua simplicidade perdida, porque é encarada como literatura menor, ingênua. Entretanto, a sua simplicidade é o que há de primeiro, de mais originário da formação humana do homem. Aprender a ler as histórias para crianças é aprender a ver, e assim quem sabe chegar naquilo que Nietzsche chama de a última metamorfose do espírito, a criança.

A marca de um bom conto de fadas, do tipo mais elevado ou mais completo, é que, por mais desvairados que sejam seus eventos, por mais fantásticas ou terríveis suas aventuras, ele pode proporcionar à criança ou ao homem que o escuta, quando chega a “virada”, uma suspensão da respiração, um golpe e um sobressalto no coração, próximos às lágrimas (ou de fato acompanhados por elas), tão penetrantes quanto os de qualquer forma de arte literária, e com uma qualidade peculiar. (TOLKIEN, 2017, p. 66)

Contos de fadas, histórias para crianças e fábulas. Façanhas, aventuras, desventuras, embates, astúcias, reflexões e amores. São estas coisas que tornam ricas essas histórias, justamente por sua simplicidade em apresentar aquilo que há de mais humano, livres de ornamentos de pedantismo, porém incrustadas de nascedouros de devaneios, obrigam-nos a retornar a infância, não por caracterizando-a como menor, mas como primeira, como fundamental, pois diz respeito ao início do aprendizado, determinante para o futuro do homem, em tornar-se verdadeiramente um homem de cultura.

Sabe-se que, tal questão abrange não apenas o sujeito, mas que este como homem participa e delibera não apenas ontologicamente, mas como sujeito político no âmbito de sua vida pública. A formação deste sujeito através do gosto pela literatura, diz respeito não apenas ao homem interessado no seu bem, mas é de interesse a todo corpo sócio-político e a vida pública a qual está imerso.

Aristóteles em sua *Ética a Nicômaco*, refere-se à finalidade das ciências políticas, como sendo aquela que legisla sobre o que deve o homem fazer, e sobre seus impedimentos. No que tange ao seu fim, essa deverá ser o bem do homem, abrangendo-o no âmbito de sua vida público

e privada. Tal preocupação política, presente na idade antiga e clássica, atravessa e forma o período do qual no séc. IX, Dhuoda compunha o seu manual dedicado a seu filho, de igual modo durante todo o período do Renascimento.

A busca de embasamento jurídico para este trabalho, refere-se à configuração necessária de uma articulação, que visa a produzir uma reflexão interdisciplinar evidenciada na tríade que constituirá toda a tese: filosofia, literatura e política.

Será dada atenção a legislação vigente no país, no que diz respeito a primeira infância e juventude, em especial a recente lei 13. 257/2016 que ordena as diretrizes dos direitos à primeira infância. De igual modo a lei 10.753/2003, que objetiva instituir a nível nacional o pleno exercício do direito de aquisição do livro e de seu uso pleno.

A busca no âmbito jurídico não destoa do tema e da questão apresentada a esse trabalho, mas configura uma atenção e preocupação ao período da contemporaneidade, na qual esse trabalho é composto.

Apoiando-se nos ombros de grandes homens, como Platão, Aristóteles, Nietzsche, Rilke e principalmente, nesta mulher do séc. IX, chamada Dhuoda que preocupada com o filho diante de um período difícil, teve a grandeza de sua atitude empreendedora impressa em um livro pedagógico, mostrando que somente uma educação humanística pode salvaguardar o homem, diante das crises que estes *tempos sombrios* nos trazem. Por isto, eu como mulher, partindo do ponto que Dhuoda escreveu seu manual, tomo para mim a tarefa de empreender semelhante empresa, ao voltar e debruçar-me sobre o conhecimento de outrora, para *aprender a ver, aprender a pensar, aprender a falar e escrever*.

Pretendo com isso, alcançar os fundamentos da formação do literato, ainda iniciante e do homem de letras. No gosto encontraremos, talvez os fundamentos de *uma cultura nobre*, que abarcaria todos os saberes tem suas teorias e práticas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Boa parte do esforço é produzida pelo professor, mas não deve ele ser somente o responsável por isto. A família, a sociedade, as instâncias políticas devem ser responsabilizadas. Por analogia à política, o professor vai atuar como a ponta do Poder Executivo, na extremidade distal desse Poder. Antônio Candido (2004), diz que a oferta da literatura não é simplesmente

um fator cultural, mas que é uma necessidade universal, e que podemos expandir metaforicamente, para uma necessidade fisiológica, uma necessidade de nutrição.

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (CANDIDO, 2004, p. 17-40)

Para tornar o mundo um lugar melhor é necessário que se integre uma política de incentivo à leitura e a inclusão de novos leitores à educação. Pois, somente através do incentivo à leitura é que serão conquistados resultados efetivos para a educação. Sendo de fundamental importância que as políticas de incentivo à leitura se descolem da mera organização de feiras ou da criação de bibliotecas e salas de leitura, ressaltam as autoras Arana e Klebis (2015), que dissertam sobre o tema “A importância do incentivo à leitura para o processo de formação do aluno”. Para estas autoras o mais urgente seria que as políticas públicas fossem destinadas a investirem em material humano, com a formação de mediadores e bibliotecários capazes de semear o prazer da leitura por todo o país; contrariamente a planos e metodologias das quais vemos poucos resultados qualitativos e quantitativos.

Ao professor, neste caso, na escola, cabe um papel preponderante que é o de selecionar obras literárias e conduzir uma leitura que deve ocorrer dentro e fora de sala de aula. Nesse trabalho com crianças e adolescentes em que se precisa despertar o interesse pelos textos e formar uma consciência de que a leitura é algo prazeroso e edificante, o docente precisa ser, antes de tudo, um exemplo de leitor no qual os alunos possam se espelhar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estatuto da leitura, do saber ler, não repousa em uma ação que visa conhecer sobre uma ou outra coisa. Uma advertência nos sinaliza que o excesso de conhecimentos pode fazer com que nos percamos. “Mas vale uma cabeça bem feita que bem cheia.” (Montaigne, 1972). O ato de ler, genuinamente, trata-se de um conhecer que é, na verdade, um nascer e crescer a própria realidade do conhecimento. Todo conhecimento que se pretende originário, verdadeiro, não parte da dicotomia entre sujeito e objeto, mas procura por uma unidade.

Portanto, não é o leitor, em que já se pondo decididamente pronto e acabado, que se dirige em direção ao mundo para tomar conhecimento, visto que ele e mundo já desde sempre se encontram em uma íntima relação, onde não há um sem o outro, e o que eles são já é o

resultado deste entrelaçamento, desta mesma relação. O conhecer, portanto, é um poder ver-se nesta relação e, a partir daí, vislumbrar o aparecer do real em toda a sua concretude.

Conceber-se a disposição do ato de ler em sua essência é trespassar o leitor e, ao mesmo tempo, possibilitar que ele atravesse o mundo, dando-lhe existência própria. É no momento do ato que se organiza o mundo, que se realiza, no ato dotado de um verbo em que a linguagem promoverá sempre um mundo a partir de uma atitude participativa, interessada, estabelecendo as relações que por sua vez serão determinantes na constituição do leitor que se colocará a pensar o mundo não de forma fortuita, mas vinculado intrinsecamente a ele.

Isto porque, o indivíduo quando situado historicamente, vive as suas experiências de modo que, primeiramente pela disciplina, autodisciplina, até a chegar a educação de fato, tem a capacidade de transformar sua vida pela leitura que faz do seu mundo, da realidade. Essa análise abre margem a transmutação de mundo, gerando mudanças nos padrões de vida, não somente no sentido econômico, ou político social, mas na vida humana enquanto vida que estar por se fazer. As consequências sociais, econômicas e políticas acontecem no decorrer dessa mudança da vida nua, vida da própria vida.

O aprender que nos fala Nietzsche trata de um aprender que se destina ao ensino. Aprender aqui, não é o encaminhar-se para saber sobre muitas coisas, pois como nos recorda Heráclito de Éfeso em um de seus fragmentos, especificamente no fragmento de número 40, diz que “Muito saber não traz (ensina) sabedoria”. O “muito saber” de que fala Heráclito é o acúmulo de dados e informações desconectadas, fragmentadas e que não indicam um caminho, uma sabedoria.

Aprender a pensar é, sobretudo, um modo que se dispõe numa dimensão que vai de realização para a realidade. Isto constitui a possibilidade do verbo ler, a encaminharmos naquilo que Hugo de São Vitor (2001) diz no *Disdascálicon* que “existem principalmente duas coisas por meio das quais uma pessoa adquire conhecimentos, ou seja, a leitura e a meditação. Destas, a leitura detém o primeiro lugar na instrução, e dela se ocupa este livro, dando as regras do ler”. É mergulhando cada vez mais no seu interior da leitura que ganhamos a responsabilidade de aprender a aprender.

Uma metodologia interativa, que promova o diálogo entre autor e leitor, mediado pelo texto; e entre texto escrito e texto vivido, mediado pelo professor – não só de língua portuguesa, mas de todas as disciplinas. Para o educador, a dinamicidade do processo educativo deve ser captada em todos os momentos.

Assim, durante todo o curso, tendo aprendido a ver, a pensar, a falar e escrever, a caminhar, compreendemos a necessidade de observar, pensar, dialogar, pensar, agir, pensar,

repensar, dialogar, observar, e sempre, escolher, viver, simplesmente, assim, de trás para frente, de frente para trás, sem ordem, apenas instituindo um caminho, instituindo a minha obra de arte, o meu eu, e, degustar da minha própria vida.

AGRADECIMENTOS

À Agatha, minha filha, que me permitiu discorrer este escrito.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O Gosto**. Editora: Autêntica Editora, Trad. Cláudio Oliveira. Autêntica Editora, 1ª ed., 2017.
- AGAMBEN, Giorgio. **O homem sem conteúdo**. Trad. Cláudio Oliveira. Editora: Autêntica; Edição: 1ª, 2012.
- AGOSTINHO, Santo. **De Magistro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. Coleção Textos Fundantes de Educação.
- ARISTÓTELES, Ética a Nicômaco **Editora:** Edipro; Edição: 4ª 2014
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BUBER, Martin Mordechai. **Eu e tu**. Trad. Newton Aquiles Von Zuben. Editora: Centauro. 10ª ed. Revista 2006 – 3ª Reimpressão, 2009.
- CALVINO, Ítalo. **Porque ler clássicos?** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- BOAVENTURA, São. **As seis asas do Serafim**. In: Obras Escolhidas. Org. L. A. DE BONI. Caxias do Sul: Livraria Sulina Editora, 1985.
- CANDIDO. Antônio. **Vários escritos**. 4. ed. Duas Cidades. Ouro sobre Azul. São Paulo. Rio de Janeiro, 2004
- COSTA, Ricardo. **O Espelho de Reis de Frei Álvaro Pais (c. 1275-1349) e seu conceito de tirania**. In: MALEVAL, Maria do Amparo Tavares (Org.). Atas do III Encontro Internacional de Estudos Medievais. Rio de Janeiro: Editora Ágora da Ilha, 2001, p. 338-344. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/artigo/o-espelho-de-reis-de-frei-alvaro-pais-c-1275-1349-e-seu-conceito-de-tirania>>. Acesso em: 19 abr. 2016.
- DHUODA. **La Educación cristiana de mi hijo**. Pamplona: Editora Eunate, 1995.
- DIAS, Rosa Maria, **Nietzsche, vida como obra de arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- FOUCAULT, Michel, **Hermenêutica do sujeito**. 3ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. São Paulo: Ed UNESP, 2001.
- HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes 2ª reimpressão, 2019.
- JAEGER. Werner, Wilhelm. **Paideia: a formação do homem grego**. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- KIEKERGAARD, Soren Aabye – **Lições de Vida**. Editora Zahar, Edição 1ª, 2018.
- KIEKERGAARD, Sren Aabye – **Pós-escrito às migalhas filosóficas vol. 1**, Trad. Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- MARSILI, Ítalo, **Os 4 temperamentos na educação dos filhos**. Editora Kírion
- NIETZSCHE, Wilhelm Friedrich, **A filosofia na era trágica dos gregos**. São Paulo, ed. Hedra, 2008.



NIETZSCHE, Wilhelm Friedrich, **Schopenhauer Educador**. Editora Escala. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal-90.

NIETZSCHE, Wilhelm Friedrich, **Assim Falou Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Wilhelm Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

NOVAES, Adauto. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PLUTARCO. **Da educação das crianças**. Editora Edipro, Edição 1ª, 2015.

PLUTARCO. **Do amor aos filhos**. Editora Edipro, Edição 1ª, 2015.

RICHÉ, Pierre, **Introdução. In: DHUODA. Manuel pour mon fils**. Paris: Sources Chrétiennes, .

RILKE, Rainer Maria, **Cartas do poeta sobre a vida**. 4 ed. São Paulo: Globo, 2013.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta e A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke**. Trad. Paulo Rónai e Cecília Meireles. 4ª ed. São Paulo. Editora Globo, 2013.

ROUSSEAU. Jean, Jacques. **Emílio ou Da Educação**. Trad. Roberto Leal Ferreira. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2014.

SARAMAGO, José. **A maior flor do mundo**. Companhia das Letrinhas, 2001.

TODOROV, T. **A Literatura em Perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **Árvore e Folha**. Trad. Ronald Eduard Kyrmse. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.